

# A vice-presidência

JOSÉ SARNEY

**É** uma unanimidade nacional a afirmativa de que o nosso problema fundamental é o problema político. A democracia não pode ser julgada como esse regime frágil e vulnerável, anárquico no político e injusto no social. A revisão constitucional era esperada como o momento exato para darmos coerência e consistência a um sistema eleitoral capaz de oferecer ao país melhor prática democrática e melhor nível de estabilidade aos governos. Infelizmente parece que este momento não chegou, o que é uma tragédia. A revisão está nos casuísmos e oportunismos. Idéias? Nem pensar.

Um exemplo? A extinção da vice-presidência. O país fez um plebiscito. Optou pelo presidencialismo, sistema por nós adotado pela doutrinação de Rui Barbosa, consagrado na Constituição de 1891 e tendo por cópia o modelo norte-americano. Essas instituições funcionam há 200 anos e foram capazes de fazer dos Estados Unidos o modelo da democracia libe-

ral e o mais rico país do mundo. Entre as intuições que eles criaram está a vice-presidência, peça fundamental nesse sistema de governo. Quando foi instituída, ela servia mais à unidade política, quase uma compensação ao segundo mais votado nas eleições presidenciais, quando o eleitor votava em dois nomes. Foi uma proposta dos delegados Rufus King e Morris na Convenção de Filadélfia de 1787. Não foi unânime sua aceitação. Por causa dela Elbridge Gerry não assinou a Constituição. Ele alegava que o vice-presidente, presidindo o Senado, violaria a separação dos poderes.

Esse cargo foi durante muito tempo alvo de muitas chacotas, como bem acentua Alotta, no seu aprofundado livro sobre o que é a instituição da vice-presidência.

"Que emprego é este? A única maneira de você progredir é pela morte de seu chefe", ou "o trabalho da pessoa que fica afastada da presidência pela batida de um coração", eram julgamentos daqueles tempos.

John Adams, que depois foi presidente, quando o ocupou classificou o cargo como "o mais insignificante lugar que a criatividade do homem

podia inventar". Thomas Jefferson, que também foi presidente, ironizou-o quando o exerceu: "Deleitar-me-ei com noites filosóficas no inverno e dias rurais no verão. O segundo posto do Governo é honroso e fácil." A visão genial dos "pais fundadores" do sistema americano mostrou-se, com o tempo, um dos mais admiráveis instrumentos de estabilidade política e de integridade do sistema presidencial. Cabot Lodge afirmava que era uma "idéia pobre considerar a vice-presidência uma prateleira".

Mostrou-se um cargo de grande importância política, porque ele funciona como um salva-vidas, exatamente, em momentos de crise. Ele é a segurança da continuidade, sem abalos nem rupturas. Ele dá estabilidade ao funcionamento normal das instituições, com regras claras preestabelecidas. É uma função difícil porque lida com a tragédia e é sempre acionada em casos de comoção nacional. Roosevelt morreu em plena guerra. Foi Truman quem teve de tomar as decisões externas. A vice-presidência assegurou, na sua força institucional, a continuidade. A renúncia de Nixon, o assassinato de Kennedy, para falar dos tempos modernos.

E o Brasil? A renúncia de Jânio? A doença de Tancredo? Quem de nós poderia responder sobre o que teria acontecido com o país e as instituições se a vice-presidência não existisse? O problema não é o vice-presidente, e sim ter uma instituição para administrar a crise. Hoje, nos Estados Unidos, e cito Estados Unidos porque foi de lá que copiamos, saíram e saem muitos estudos e livros sobre a genialidade dos convencionais de Filadélfia, quando a instituíram. Desapareceram aqueles que a julgavam desnecessária. Hoje, a vice-presidência integra-se ao Governo. Mondale e Bush foram aqueles que, nos tempos atuais, formalizaram as regras fundamentais do seu exercício com Carter e Reagan, que começaram o ciclo dos vices acompanhando todos os setores do Governo, munidos de assessoria e participação, para estarem preparados para a sua função, uma das mais difíceis do sistema democrático, que é administrar crises de poder, sem solução de continuidade.

Pois aqui no Brasil, depois de o povo dizer que quer o presidencialismo, sem discussão, sem ninguém estudar nada, sem pensar-se nas conse-

quências e qual as causas que determinaram a existência da vice-presidência, deseja-se extingui-la, quando é justamente agora, com a visão dos tempos, que ela floresce, mostrando a face de suas múltiplas potencialidades. E vai-se agindo pelo palpite, pela opinião gratuita, sem amadurecimento de nada. Voltamos ao século XVIII, quando ela era contestada e não ao XXI quando ela afirma-se como um mecanismo essencial à estabilidade política.

O erro, qui, é que, por motivos do subdesenvolvimento político, o vice-presidente deixou de presidir o Senado, como nos Estados Unidos, sendo uma ponte indispensável entre o Legislativo e o Executivo.

A desgraça não foi Floriano Peixoto, mas a inapetência do marechal Deodoro para gerir a transição do Império para a República, renunciando. Não foi Delfim Moreira, foi a morte de Rodrigues Alves, não foi Jango, mas a renúncia de Jânio, não foi Café, mas o suicídio de Vargas, não foram as dificuldades do Sarney, mas a tragédia do que aconteceu com Tancredo. Em todos esses momentos provocados pelos homens ou por Deus, a vice-presidência assegurou o funcionamento do sistema de-

mocrático, a tranquilidade do país, a continuidade institucional. Não foi a vice-presidência que nos levou ao Estado Novo nem ao fechamento do Congresso, nos primórdios da República e em tempos recentes. A julgar-se dessa forma, simplista, foram a presidência e o presidencialismo os responsáveis pelos tempos conturbados e claudicantes da República.

Há presidentes e vices bons e ruins, como em todas as coisas humanas. Mas a presidência e a vice-presidência não podem ser consideradas pelos critérios pessoais e transitórios do julgamento apaixonado das pessoas, muitas delas despreparadas, que opinam como torcedores de futebol no arrebatamento de seus entusiasmos ou frustrações. São instituições que transcendem os homens e servem àquilo que melhor se descobriu na Terra, como Governo das nações: o sistema democrático.

O povo votou pelo presidencialismo e a vice-presidência é considerada essencial ao funcionamento desse sistema. O julgamento dos homens e dos governos a História vai fazer, com a isenção e a justiça que só o tempo pode assegurar.